Ecofeminismo em *O Ano do Dilúvio*: uma questão incendiária

Ecofeminism in *The Year of the Flood*: a burning question

Andréa Moraes da Costa
UNIR

https://doi.org/10.5007/2176-8552.2026.e99798

Resumo

Este artigo aborda a intersecção entre ecofeminismo e a escrita feminista da escritora canadense Margaret Atwood. Para isso, apresenta-se um diálogo a partir de sua distopia *O ano do dilúvio* (2011) e de sua obra *Questões incendiárias: Ensaios e outros escritos de 2004 a 2021* (2024), um compilado de ensaios em que a autora aborda a relação de sua escrita com o meio ambiente, suas reflexões do ponto de vista feminista, crise climática, dentre outros temas. Considerando-se, sobretudo, tais temáticas, o reconhecimento de Atwood enquanto uma escritora feminista e o fato de que *O ano do dilúvio* ilumina a interconexão entre humano e natureza, o diálogo proposto tem como objetivo demonstrar a consciência ecológica de Atwood reverberada em conexão com questões feministas, sistema patriarcal e poder. Frente a isso, conta-se com aparatos epistemológicos referentes ao ecofeminismo e aos feminismos.

Palavras-chave: Ecofeminismo; Margaret Atwood; *O ano do dilúvio; Questões incendiárias*.

Abstract

The focus of this article is the intersection between ecofeminism and the feminist writing of Canadian writer Margaret Atwood. To this end, it presents a dialogue based on her dystopia *The Year of the Flood* (2010) and her work *Burning questions: essays and occasional pieces, 2004 to 2021* (2022), a selection of essays in which the author addresses the relationship between her writing and the environment, her reflections from a feminist point of view, the climate crisis, among other topics. Considering, above all, such themes, the recognition of Atwood as a feminist writer and the fact that *The Year of the Flood* illuminates the interconnection between human and nature, the proposed dialogue aims to demonstrate Atwood's ecological awareness reverberated in connection with feminists' issues, patriarchal system, and power. For that, this article relies on epistemological apparatuses referring to ecofeminism and feminisms.

Keywords: Ecofeminism; Margaret Atwood; *The Year of the Flood; Burning questions.*

Introdução

Em sua introdução a *International Perspectives in Feminist Ecocriticism* (2013), seus organizadores, Greta Gaard, Simon C. Estok e Serpil Oppermann, chamam atenção para a conexão entre a ecocrítica e as ciências ambientais, a política e a filosofia ambientais, os estudos literários e culturais, a teoria pós-colonial, as teorias da globalização e a teoria queer. Para esses estudiosos, à medida que a ecocrítica se fortalece através das suas intersecções com esses campos epistemológicos, "torna-se cada vez mais urgente resgatar a categoria feminista da ecocrítica"[1] (Gaard; Estok; Oppermann, 2013, p. 1).

A observação das autoras, alertando para a necessidade de revitalização de uma abordagem da ecocrítica a qual seja sustentada por princípios teóricos feministas,sugere, no mínimo, a relevância da perspectiva de gênero e dos aspectos referentes ao feminino para a conscientização e compreensão holística das intersecções entre feminismo e ambientalismo.

Mais de uma década se passou após essa publicação de Gaard, Estok e Oppermann, e, no entanto, ainda se faz necessário o debate em torno do tópico abordado pelos autores. Assim, pretendemos, com esta discussão, nos unir a outras vozes que têm se apoiado em concepções feministas para debater sobre problemas decorrentes da exploração da natureza, traduzindo-se na degradação ambiental. Para tanto, optamos por fazê-lo sob a lente literária.

1 Conf. "As ecocriticism grows stronger through its intersections with the environ-mental sciences, environmental politics and philosophy, literary and cultural studies, postcolonial theory, globalization theories, and queer theory, reclaiming ecocriticism's feminist lineage has become more and more urgent" (Gaard; Estok; Oppermann, 2013, p. 1). A autoria das traduções informadas neste texto é conferida à autora deste artigo.

Fizemos isso a partir da leitura da distopia *O ano do dilúvio* (2011) – tradução brasileira de *The Year of the Flood* (2009) –, da escritora canadense Margaret Atwood. Diante desse propósito, reunimos também ao centro de nossas discussões sua obra *Questões incendiárias: ensaios e outros escritos* (2024) – tradução de *Burning Questions: Essays and Occasional Pieces, 2004-2021* (2022). Esses ensaios tratam, dentre outros pontos, da relação da escrita de Atwood com o meio ambiente, reflexões da autora sob a perspectiva feminista e a crise climática.

Considerando a abordagem de Atwood a tais temáticas, a frequência com que suas obras são associadas ao feminismo (Tolan, 2007; Tuttle, 1985), assim como o fato de que *O ano do dilúvio* ilumina a interconexão entre humano e natureza, propomos um diálogo com essa autora, objetivando demonstrar sua consciência ecológica reverberada em conexão com questões feministas, sistema patriarcal e poder. Dito de outro modo, interessa-nos aqui dar atenção à intersecção entre feminismos e ecofeminismo presente na literatura atwoodiana mencionada.

Com isso em vista, encaminhamos nossa discussão apresentando primeiramente uma breve abordagem do ecofeminismo, para, na sequência, abrirmos o diálogo proposto anteriormente.

Ecofemismo: algumas palavras

Foi em 1974, na esteira da evolução do feminismo americano e da criação da Liga dos Direitos da Mulher, na França, e após o surgimento do Women's Liberation Movement – MLF, que a teórica, filósofa e feminista francesa Françoise D'Eaubonne (1920-2005) cunhou o termo ecofeminismo.

D'Eaubonne é reconhecida como uma das vozes que mais impactaram o pensamento feminista ecológico, sobretudo na França, onde seus pensamentos influenciaram significativamente os debates em torno da tríade gênero, poder e meio ambiente.

Seu ativismo político a levou a se engajar no French Communist Party, a cofundar, em 1971, a Front homossexual d'action révolutionnaire e a criar, em 1972, a Ecology-Feeminism Center em Paris. Dois anos mais tarde, a teórica publica *Le féminisme ou la mort*, trazendo reflexões concomitantemente centralizadas no feminismo e na ecologia. Na obra, D'Eaubonne emprega o termo ecofeminismo, enquanto uma perspectiva feminista – alicerçada em pressupostos de gênero –, que se empenha em compreender a relação entre seres humanos e o mundo natural. Com isso, D'Eaubonne expõe lado a lado dois debates que aguardavam – e ainda aguardam – soluções: opressão de grupos marginalizados pelo sistema patriarcal, e dominação da natureza. Dentro desse contexto, a teórica associa a subjugação das mulheres, à opressão de pessoas não brancas e de pessoas desfavorecidas – como pobres e judeus – à exploração da natureza.

Em sua introdução à *Ecofeminism or Death*[2], D'Eaubonne (2022, p. 4) registra que naquele momento parecia ter chegado a hora de mostrar que o feminismo não estava restrito ao "que já havia lhe conferido a sua dignidade fundamental", isto é, a "protestos da categoria humana esmagada e explorada desde os tempos mais antigos, uma vez que 'a mulher era escrava antes da existência da escravidão'"[3]. Reformular era preciso, haja vista que, segundo suas palavras:

2 Obra primeiramente publicada em francês sob o título *Le féminisme ou la mort* (1974).

3 Conf. "It seems that the time has come to show that feminism is not solely – which has already given it its fundamental dignity – the protests of the human category that has been crushed and exploited from the most ancient times, since 'woman was a slave before slavery existed'" (D'Eaubonne, 2022, p. 4).

> O feminismo é toda a humanidade em crise; é a reinvenção das espécies; é verdadeiramente o mundo que mudará de base. E muito mais ainda: não há mais escolha; se o mundo recusar esta mutação que superará todas as revoluções tal como as revoluções superaram o espírito de reforma, estará condenado à morte – e a uma morte extremamente iminente. Não só pela destruição do meio ambiente, mas também pela superpopulação gerada diretamente pela confiança da gestão dos nossos corpos ao Sistema Masculino. É tempo de demonstrar que o fracasso do socialismo em estabelecer um novo humanismo (e assim evitar esta destruição do ambiente e esta inflação demográfica) decorre diretamente da recusa em colocar a culpa fundamental no sexismo mantido, sob diferentes formas, tanto pelo campo socialista quanto pelo bloco capitalista. E não é a libertação das mulheres aprovada pelos auspícios do socialismo, mas sim a emergência de um socialismo de um tipo inteiramente novo, mutacional, caracterizado por as mulheres assumirem o controle tanto do seu próprio destino como da destruição irreversível do patriarcado[4] (D'Eaubonne, 2022, p. 4-5).

Logo, era urgente, para D'Eaubonne (2022, p. 5) destacar "a sentença de morte da agonia convulsiva" que tem sido submetida ao planeta e à sua espécie humana pelo sistema patriarcal, caso "o feminismo, ao libertar as mulheres, não libertar a humanidade em sua totalidade, isto é, afastar o mundo do homem de hoje para transmiti-lo à humanidade de amanhã"[5].

4 Conf. "Feminism is entire humanity in crisis; it is the reinvention of species; it is truly the world that will change its base. And much more still: there is no longer any choice; if the world refuses this mutation that will surpass all revolutions just as revolutions surpassed the spirit of reform, it is condemned to death – and to a death extremely imminent. Not only by the destruction of the environment but also by the overpopulation directly generated through entrusting the management of our bodies to the Male System. It is time to demonstrate that the failure of socialism to establish a new humanism (and thus to avoid this destruction of the environment and this demographic inflation) stems directly from the refusal to place the fundamental blame on the sexism maintained, under different forms, by both the socialist camp and the capitalist bloc. And it is not the liberation of women as approved by the auspices of socialism, but rather the emergence of a socialism of an entirely new type, mutational, characterized by women taking control both of their own destiny and of the irreversible destruction of the patriarchy" (D'Eaubonne, 2022, p. 4-5).

5 Conf. "[...] it is urgent to emphasize the death sentence of convulsive agony that has been dealt to the entire

O alcance do pensamento de D'Eaubonne não tardou a chegar a outras partes do mundo, instigando estudiosas de diferentes áreas a engajarem-se em causas ambientais em correlação ao feminismo. Situam-se entre essas estudiosas, nomes como o da teóloga, filósofa e feminista Mary Daly (1928-2010), dos Estados Unidos, o da física e filósofa Vandana Shiva (1952-), da Índia, o da socióloga Maria Mies (1931-2023), da Alemanha, e o da freira católica, filósofa e teóloga feminista Ivone Gebara (1944-), do Brasil.

Conforme Iris Derzelle (2020), é com frequência relatado que foi em uma incursão à França que Daly teria entrado em contato com o pensamento de D'Eaubonne. No final da década de 1970, a teóloga norte-americana passa a incorporar o ecofeminismo aos seus estudos, correlacionando-os à saúde. Assim, ela publica *Gyn-Ecology* (1978), contemplando a relação entre mulheres e ecologia, uma vez que Gyn alude a mulheres em grego. Na obra, Daly atribui culpabilidade ao homem pela destruição da natureza, sustentando que mulheres, como gestoras de vida são propensas a darem mais atenção ao meio ambiente, a preservá-lo. De outra forma, homens caminham na direção oposta a isso, a medida em que seu poder criador está ligado à tecnologia de produção, provocando, desse modo, a poluição da natureza.

Kate Hammell (1978, p. 2503), à época, registrou que Daly, "ao traçar 'a jornada da transformação das mulheres,' escolheu "ginecologia/ecologia" como seu título por duas razões"[6], quais sejam: Daly acreditava que "o despertar feminista dependia do reconhecimento de que os homens poluíram

planet and its human species by this system if feminism, by liberating women, does not liberate humanity in its entirety that is to say, wrest the world away from the man of today to transmit it to the humanity of tomorrow" (D'Eaubonne, 2022, p. 5).

6 Conf. "In charting 'the journey of women becoming,' Daly chooses 'gyn/ecology' as her title for two reasons" (Hammell, 1978, p. 2503).

a ecologia das mulheres com linguagem e mitologia patriarcais enganosas"[7]; e que "ela percebia a ginecologia americana apenas como um exemplo da destruição ritual das mulheres pelo patriarcado"[8]. Diante dessa perspectiva, a atitude ecológica-feminista envolve uma ação dupla: a recuperação do controle do próprio corpo e sua preservação, considerando a exposição feminina à intoxicação ambiental resultante dos produtos químicos utilizados na produção agrícola e industrial.

Na Índia, o trabalho de Shiva segue caminho semelhante. Suas contribuições são vastas para o campo científico e para a materialidade das ações pautadas, sobretudo, em questões ambientais, sustentabilidade e direito das mulheres. Em 1982, a pesquisadora criou a Fundação de Pesquisa para Ciência, Tecnologia e Ecologia, em Dehra Dun, na Índia, um instituto voltado a questões ecológicas e sociais que se colocam como mais relevantes na atualidade. Em 1991, Shiva fundou o Navdanya, um movimento centrado na Terra e nas mulheres que conta com agricultores a sua frente imbuídos na proteção da diversidade biológica e cultural. O movimento preza pela indissociabilidade entre a natureza e os seres humanos, e pela exclusão de hierarquia entre espécies, cultura, gênero, raça e religiões (Navdanya, 2024).

Esse esforço de Shiva, contemplando a relação entre seres humanos e natureza, também é reverberado em textos de sua autoria. *Staying Alive: Women, Ecology, and Development* (1988), *Biopiracy: The Plunder of Nature and Knowledge* (1997), *Tomorrow's Biodiversity* (2000), *Earth Democracy: Justice, Sustainability, and Peace* (2005) e *Ecofeminism* (1993) são alguns dos títulos que compõem seus escritos.

7 Conf. "feminist awakening depends upon the recognition that men have polluted the ecology of women with deceptive patriarcal language and mythology" (Hammell, 1978, p. 2503).

8 Conf. "she perceives American gynecology as only one example of the ritual destruction of women by patriarchy" (Hammell, 1978, p. 2503).

Em *Ecofeminism*, obra publicada um ano após a Rio 92, as concepções de Shiva se integram às de Mies, importante socióloga alemã, inaugurando uma parceria transnacional em prol de um novo olhar para os desdobramentos advindos do sistema patriarcal. A partir de uma ótica pós-colonial, as autoras defendem que o feminismo precisa reconhecer a correlação existente entre a opressão causada pelo patriarcalismo e a destruição da natureza em detrimento do lucro e do progresso. Mies e Shiva (2014, p. xvi), então, apontam para uma relação direta entre a exploração da natureza e das mulheres, uma vez que "a violação da Terra e a violação das mulheres estão intimamente ligadas – tanto metaforicamente, na formação das visões do mundo, como materialmente, na formação da vida quotidiana das mulheres"[9].

Conhecida por sua militância feminista, desde a década de 1960, Mies já vinha apresentando resultados de seu interesse pelas questões feministas associadas a questões ambientais – atentando para como essas questões se manifestam em nações do terceiro mundo – em publicações desde a década de 1980. É justamente nessa década, em 1986, que Mies lança uma de suas principais obras, *Patriarchy and Accumulation* on a *World Scale: Women in the International Division of Labour*, apresentando a teoria sobre o patriarcado capitalista.

Sob esse prisma, a socióloga argumenta que mulheres, colônias e natureza são exploradas para que haja a manutenção do modelo capitalista (Mies, 2014, p. 2). Do ponto de vista da divisão do trabalho, sugerido em seu título, a autora sublinha que "o trabalho das mulheres é considerado um recurso natural, disponível livremente como o ar e a água"[10], e seu confinamento em

9 Conf. "the rape of the Earth and rape of women are intimately linked – both metaphorically, in shaping world views, and materially, in shaping women's everyday lives" (Mies e Shiva (2014, p. xvi).

10 Conf. "women's labour is considered a natural resource, freely available like air and water" (Mies, 2014, p. 110).

casa "significa ao mesmo tempo a total atomização e desorganização dessas trabalhadoras ocultas"[11] (Mies, 2014, p. 110). Logo, "esta não é apenas a razão para a falta de poder político das mulheres, mas também para a sua falta de poder de negociação" [12](Mies, 2014, p. 110).

Sob outro prisma, no Brasil, apesar dos escassos estudos em torno do ecofeminismo, contamos com a representatividade da teóloga e fundadora da Teologia Feminista na América Latina, Ivone Gebara, conforme citamos anteriormente. A teóloga iniciou seu engajamento na causa feminista na década de 1980 e, assim, conjugando-a com sua perspectiva religiosa e com seu interesse pelas pautas ambientais, apresentou suas ideias a respeito da intersecção entre essas temáticas – feminismo, religião e meio ambiente – em *Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião* (1997).

As discussões de Gebara, presentes nessa obra, refletem seu esforço em encontrar novos rumos, novas bases conceituais dentro do campo teológico, que pudessem atender aos desafios enfrentados tanto pelas mulheres quanto pela ecologia. Dessa maneira, constatando que mulheres e natureza são submetidas ao domínio patriarcal, a teóloga enfatiza, por exemplo, que o ecofeminismo dentro do contexto latino-americano está situado "no nível político ideológico das lutas sociais e das relações nacionais e internacionais entre os grupos humanos diante do crescente desastre ecológico" (Gebara, 1997, p. 9).

Trazer ao debate questões de cunho político ideológico, sobretudo ligadas ao feminino, representava não somente um avanço no campo teológico, mas também um grande desafio para Gebara, haja vista sua ligação ante-

11 Conf. "Housewifization means at the same time the total atomization and disorganization of these hidden workers" (Mies, 2014, p. 110).
12 Conf. "This is not only the reason for the lack of women's political power, but also for their lack of bargaining power" (Mies, 2014, p. 110).

rior com a Teologia da Libertação. Antes de dedicar-se a Teologia Feminista, a teóloga militou durante muito tempo na Teologia da Libertação. Conforme suas palavras, essa última não denunciava "o quanto especialmente as religiões de corte monoteísta como o cristianismo, o islamismo e o judaísmo [...] fundamentam uma opressão das mulheres, um controle dos corpos femininos" (Gebara 2019).

Conforme Tânia Kuhnen e Daniela Rosendo (2021, p. 25), Gebara, desafiou o "eurocentrismo, o androcentrismo e o antropocentrismo presentes na teologia dogmática e defendeu sua transformação de modo a perceber os diferentes contextos e realidades, especialmente as marginais (Gebara, 2000 *apud* Kirjner, 2019)". Diante de tal contexto, Gebara teve dificuldades para propagar seu pensamento ecofeminista. Na concepção de Kuhnen e Rosendo (2021, p. 25-26), vários fatores influenciaram para isso, incluindo "as críticas das feministas ao conservadorismo da Igreja" que dificultava "o diálogo com as teólogas, mesmo que feministas e defensoras dos direitos das mulheres, em especial quanto à saúde sexual e reprodutiva". Nesse sentido, é preciso recordar que, na década de 1990, no Brasil, o movimento ecológico

> apresentava pouca consciência das questões de gênero e, como característica mais específica do Brasil, neste período estava mais ocupado com a derrubada das florestas para a expansão do agronegócio do que com questões ambientais características do espaço urbano, a exemplo do problema do lixo, entre outras tratadas por Gebara a partir da periferia das grandes cidades. Além disso, os traumas da ditadura militar ainda eram bastante recentes. Tendo em vista a violação sistemática dos direitos civis e políticos por mais de duas décadas, em um regime autoritário, a necessidade de restabelecer os processos democráticos e os direitos fundamentais individuais parecem ter dificultado o avanço dos direitos de outras dimensões – coletiva e difusa –, como os econômicos, sociais, culturais

e ambientais (Kuhnen e Rosendo, 2021, p. 26).

Portanto, parece-nos fundamental que o nome de Gebara tenha se juntado às demais referências na área do ecofeminismo aqui descritas. Seu engajamento interdisciplinar em prol de uma vida mais digna e justa àqueles afetados pelo sistema patriarcal dominante colaborou e tem colaborado significativamente, por exemplo, para que – diante de uma consciência holística a respeito dos desdobramentos dos problemas advindos do patriarcado – haja aderência das novas gerações às causas por ela defendidas.

É preciso ainda esclarecer que ao mencionar o nome de Gebara, assim como os nomes de D'Eaubonne, Mary Daly, Vandana Shiva e Mies, enquanto representatividades do ecofeminismo, não o fizemos na intenção de excluir outras referências igualmente relevantes desse campo. Considerando que, em termos globais, essa área epistemológica conta com significativa representatividade, nosso empreendimento concentrou-se somente em ilustrar algumas das proeminentes referências feministas, dessa área, surgidas após a propagação da visão ecofeminista de D'Eaubonne (1974).

Assim, após essa breve discussão em torno do ecofeminismo, queremos chamar atenção para a integração desse paradigma ao universo literário, uma vez que a literatura se constitui como terreno fértil para explorar as experiências humanas, provocando reflexões sobre nós mesmos e o ambiente que nos rodeia.

Dessa maneira, a fim de delimitar nosso debate, a seguir contextualizamos como o ecofeminismo está conectado à escrita literária de Margaret Atwood, em particular, à sua obra *O ano do dilúvio* (2011). Com esse foco, o núcleo do nosso diálogo conta também, de modo especial, com ponderações de Atwood registradas em Q*uestões incendiárias: ensaios e outros escritos* (2024), conforme mencionamos em nossa introdução.

O ano do dilúvio: consciência ecofeminista esboçada na arte literária de Atwood

Em seu ensaio "A escrita e o meio ambiente" (2024), Atwood menciona a recente conscientização dos seres humanos a respeito das diversas ameaças ao 'meio ambiente'. Seguindo as palavras da autora, essas ameaças

> podem ir do derretimento das geleiras e do gelo no mar ao aumento de temperaturas globais e ao clima mais extremo resultante destas temperaturas, da poluição do ar e da água às substâncias químicas que estamos inadvertidamente botando na boca de nossos filhos por meio de alimentos industrializados, da extinção de muitas espécies animais e vegetais à diminuição das colheitas na terra e aos estoques minguantes de peixes no mar – e até ao risco mais elevado de pestes e doenças que tais mudanças ambientais quase certamente precipitarão. Todos estes temas podem ser colocados no cesto de nome 'meio ambiente', e suponho que qualquer coisa escrita sobre eles pode ser denominada 'literatura'. Neste sentido, um número muito grande de escritores já se preocupa com esses problemas (Atwood, 2024, p. 188-189).

Acompanhando a reflexão da autora, quando analisamos seu romance *O ano do dilúvio* – integrante da trilogia distópica *MaddAddam*[13] , composta por *Oryx and Crake* (2003), *The Year of the Flood*[14] (2009) e *MaddAddam* (2013) –, percebemos que a própria Atwood pode ser inserida dentre os escritores mencionados, nesse fragmento. Comumente, reconhecida pelas suas abordagens feministas em sua escrita criativa, a auora por meio dessa obra expande as possibilidades de leitura para além dos debates femi-

13 Traduzida no Brasil como MaddAddão, sendo este também o nome atribuído ao romance MaddAddam, traduzido no Brasil em 2019.

14 Traduzida no Brasil como Oryx e Crake (2004).

nistas – aspecto amplamente explorado por estudiosas como Ann Howells (2006) e Gina Wisker (2012). Isso ocorre, por exemplo, à medida em que sua narrativa possibilita importantes reflexões geradas a partir da interconexão entre feminismos e ecofeminismo.

Em *O ano do dilúvio,* somos apresentados a uma realidade futurística caótica, em que a ética é ofuscada da pior forma, vide a presença de corporações, como a CorpSeCorps, a qual opera sob a égide da corrupção, assassina seus funcionários e manipula a vida através de criações tecnológicas e biogenéticas desenfreadas – a exemplo de ovelhas com cabelo humano e porcos desconfigurados, com tecido cerebral humano. Lembrando, em certa medida, a sociedade distópica orwelliana de 1984, "a CorpSeCorps estendeu os tentáculos a todas as áreas" (Atwood, 2011, p. 37), desde o controle da segurança até a vigilância de lojas de produtos eróticos.

Para dar maior relevo a esse caos, há uma catástrofe global, o dilúvio seco – *waterless flood* –, expressão adotada pelos personagens para referenciar a praga que estava exterminando a população. Logo, esse acontecimento apocalíptico solicita uma redefinição drástica a respeito da relação dos personagens sobreviventes com a natureza, tendo em vista, por exemplo, as consequências climáticas desencadeadas pelo próprio homem, que culminaram no desequilíbrio social e ambiental.

É nas palavras de Raymond Williams (1921-1988) que vamos encontrar uma interessante inclinação a cenários como esse, que antecipam o amanhã. O teórico afirmava que era "fascinado pelas formas da 'ficção futura', tanto quanto pelo amplo campo da 'ficção científica'" (Williams, 2014, p. 347). Nesse tipo de escrita, de acordo com suas reflexões, podemos "até mesmo mostrar que os futuros mais surpreendentes, Huxley e Orwell, por exemplo, baseiam-se em *interpretações* notáveis de nosso presente" (Williams, 2014, p. 348).

Sob essa ótica, podemos dizer que Atwood encontrou, na realidade do século XXI, matérias substanciais para o tecido textual de *O ano do dilúvio*. Esse século tem sido marcado por diferentes crises relacionadas, de algum modo, a medidas políticas econômico-financeiras tomadas por líderes mundiais e por grandes corporações. Nesse caso, as ilustrações não são escassas, temos enfrentado crises ligadas ao clima, à saúde global, ao sistema financeiro, à segurança cibernética, para citar algumas. E como nos diz Atwood (2024, xv), essas são questões urgentes, pois "todo período pensa dessa forma sobre suas próprias crises, naturalmente, mas é certo que esta era parece diferente". Então, algumas perguntas emergem da voz da autora: "Será que o mundo está em chamas? E fomos nós que ateamos fogo a ele? Será que somos capazes de apagar o incêndio?" (Atwood, 2024, p. xv).

Dada a gravidade dos problemas, as tentativas para "apagar o incêndio" têm partido de diferentes gerações. A propósito disso, a jovem ativista sueca Greta Thunberg tem incentivado sua geração a protestar contra as mudanças climáticas em seus países. Por outro lado, o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, intimou os líderes globais a apresentarem um plano de ações, sobretudo, para proteger o planeta da degradação por meio do consumo e da produção sustentáveis, da gestão sustentável dos seus recursos naturais. Para Guterres (2023), a "guerra contra a natureza deve parar. Temos de acabar com a tripla crise planetária das alterações climáticas, da poluição e da perda de biodiversidade".

Para isso, está em andamento, de acordo com o representante das Nações Unidas, uma reforma das políticas econômicas, colocando "a natureza e a biodiversidade no centro de todas as tomadas de decisões, garantindo, assim, a plena igualdade de gênero", pois já "passou da hora de acabarmos com a discriminação para garantir um lugar para mulheres em todas as mesas e acabar com a violência de gênero" (Guterres, 2023).

O movimento nesse rumo pode ser justificado em virtude de as mulheres constituírem-se como um dos grupos mais impactados pela crise ambiental, o que tem as levado a atuarem com maior representatividade nessa luta. Em consonância com a United Nations Human Rights, dados disponibilizados pela Organização das Nações Unidas – Meio Ambiente, trazem à tona essa realidade, ao estimarem "que 80 por cento das pessoas deslocadas pelas alterações climáticas sejam mulheres" (UN Human Rights, 2022). Ante a tal deslocamento, mulheres

> correm maior risco de violência, incluindo violência sexual, afirmou Michelle Bachelet, Alta Comissária das Nações Unidas para os Direitos Humanos. 'Enquanto dormem, se lavam, tomam banho ou se vestem em abrigos de emergência, tendas ou campos, o risco de violência sexual é uma realidade trágica das suas vidas como migrantes ou refugiados', disse Bachelet. 'Agravando isso está o perigo crescente do tráfico de seres humanos e do casamento infantil, precoce e forçado que as mulheres e meninas em movimento enfrentam.' Bachelet participou de um painel de discussão que explorou a relação entre as mudanças climáticas e a violência contra mulheres e meninas através da perspectiva dos direitos humanos durante a 50ª sessão do Conselho de Direitos Humanos em Genebra, Suíça. [...] Segundo Astrid Puentes Riaño, Consultora Independente sobre direitos humanos e alterações climáticas, a migração e o deslocamento forçado estão entre os impactos mais graves da crise climática que já afeta milhões de pessoas em todo o mundo. 'Por exemplo, há relatos de mulheres migrantes que sofreram violência sexual enquanto estavam sob a proteção das autoridades e que, ao denunciarem, em vez de serem protegidas, foram presas', disse ela[15] (UN Human Rights, 2022).

15 Conf. "It is estimated that 80 per cent of people displaced by climate change are women, according to UN Environment. When women are displaced, they are at greater risk of violence, including sexual violence, said Michelle Bachelet, UN High Commissioner for Human Rights. "While they sleep, wash, bathe or dress in

Portanto, não é exagero afirmar que, sob a perspectiva das mulheres, as questões ambientais estão intrinsicamente relacionadas a questões de sua própria sobrevivência, assim como à daqueles que dependem delas. Segundo esse pensamento, o cenário que vem se desenhando neste século nos convoca, de modo coletivo, ao engajamento urgente em ações concretas que possam minimizar os danos, até então causados ao meio ambiente.

Nessa linha, a literatura em debate de Atwood, por sua vez, também atende não somente a urgência relacionada ao clima, mas também aquela referente ao gênero, exposta por Guterres, assim como pela United Nations Human Rights. As violências sofridas por suas personagens femininas estão associadas tanto dentro do contexto cotidiano vivido por elas – tido como 'normal' comparado ao contexto pós-evento climático que se desencadeia ao longo da narrativa – quanto em "ambientes provisórios" gerados após esse evento.

Exemplificando essa situação, é necessário comentar que, em meio a teia de eventos catastróficos arquitetada em *O ano do dilúvio*, destacam-se duas figuras femininas, Ren e Toby – uma das poucas sobreviventes do dilúvio seco. O enredo que as envolve mostra que suas experiências de vida foram impactadas pela exploração de seus corpos e pela violência sexual. Isso ocorre ao longo da narrativa, anterior e posterior ao dilúvio, provocando *insights* críticos acerca da questão de gênero já antes evocados em outras

---

emergency shelters, tents or camps, the risk of sexual violence is a tragic reality of their lives as migrants or refugees," Bachelet said. "Compounding this is the increased danger of human trafficking, and child, early and forced marriage which women and girls on the move endure." Bachelet took part in a panel discussion that explored the relationship between climate change and violence against women and girls through a human rights lens during the 50th session of the Human Rights Council in Geneva, Switzerland. [...] According to Astrid Puentes Riaño, Independent Consultant on human rights and climate change, migration and forced displacement are among the most serious impacts of the climate crisis that are already impacting millions of people around the world. "For example, there are reports of migrant women who have suffered sexual violence while under the protection of the authorities and who, upon reporting it, instead of being protected, have been imprisoned," she said" (UN Human Rights, 2022).

obras de Atwood – como em *The Handmaid's Tale* (1985) –, e que na obra em tela são exibidas ao lado de problemas ambientais.

Como uma amostra disso, tomamos em particular, o caso de Toby, a personagem que sofre uma tragédia familiar dupla antes do dilúvio. A mãe morre devido a uma severa doença, e o pai "enfiou o cano do rifle na boca e puxou o gatilho" (Atwood, 2011, p. 39). Consequentemente, Toby herda as dívidas do pai e esta situação a expõe a uma ameaça, pois ela "não tinha um centavo no bolso, mas circulavam histórias sobre mulheres em débito que eram arrendadas para o sexo", pela CorpSeCorps (Atwood, 2011, p. 42). Como estratégia para esquivar-se da ameaça, Toby decide fugir, destruindo sua identidade para não ser encontrada pela corporação, o que a coloca frente a outro problema. A personagem, sem melhores opções, assume um emprego na SecretBurgers, uma lanchonete gerenciada pelo violento Blando, conhecido por suas investidas a suas funcionárias, comumente torturadas e estupradas por ele. Fatalmente, Toby passa a ser uma de suas vítimas, pois é estuprada e escravizada sexualmente pelo homem.

O episódio descrito reflete o resultado de uma sociedade patriarcal em que a imposição masculina se coloca à frente da vontade e da autonomia feminina, coadunando, assim, com o que testemunhamos fora das páginas de Atwood. Apenas para trazer uma materialização nesse sentido, observamos que, em seu relatório anual, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) divulgou que, pelo menos, 10.655 mulheres foram vítimas de feminicídio no Brasil, entre os anos de 2015 e 2023, sendo que a taxa de feminicídios no país cresceu 1,4% entre 2022 e 2023.

É claro, essa questão está distante de ser simplista, há uma complexidade envolvida, englobando, entre outros aspectos, distribuição de renda, educação, interseccionalidades (raça, classe, etc.). Entretanto, aqui queremos chamar atenção, sobretudo, para a correlação entre a violência masculina e o

sistema patriarcal retratado no caso de Toby. Partindo desse ângulo, compartilhamos da mesma opinião de Mies (Mies; Shiva 2014, xxv-xxvi), isto é, concordamos que "homens não são violadores por natureza, nem são geneticamente programados para serem assassinos da nossa Mãe Natureza, a origem de toda a vida". Conforme a socióloga argumenta, essa "violência é consequência de um paradigma social que começou há cerca de 8.000 anos, o nome é patriarcado" (Mies; Shiva 2014, xxv-xxvi), sendo este um ponto-chave para o ecofeminismo.

À luz disso e analisando os enfrentamentos de Toby, é útil recordarmos que a premissa básica do ecofeminismo, como indica Greta Gaard (1993, p. 1), é que "a ideologia que autoriza as opressões como aquelas baseadas em raça, classe, gênero, sexualidade, habilidades físicas e espécie é a mesma ideologia que sanciona a opressão da natureza"[16]. Assim, compreendemos que, sob as lentes do ecofeminismo, os dilemas de Toby em paralelo aos enfrentados pela natureza e pelos animais, na "terra devastada"[17] de Atwood, evidenciam a relação posta entre mulheres e natureza. Isso porque, o que se revela em sua narrativa, a partir dos exemplos apontados, é tanto a dominação masculina sobre a natureza e animais quanto a dominação masculina sobre os corpos femininos.

Portanto, fica patente que, se apoiando em problemáticas extraídas dos contextos feminista e ecológico, Atwood reitera a ideia, fundamentada nos estudos ecofeministas, de que a ideologia patriarcal opera no sentido de desvalorizar mulheres e natureza. Nesse viés, seu enredo é valido para contextualizar o pensamento de Patrick Murphy (1988, p. 87), quando ele realça que

16 Conf. "the ideology which authorizes oppressions such as those based on race, class, gender, sexuality, physical abilities, and species is the same ideology which sanctions the oppression of nature" (Gaard, 1993, p. 1).
17 Trata-se de uma referência a *The Waste Land* (1922), poema de T. S Elliot, publicado após a Primeira Guerra Mundial e uma pandemia global. O poema aborda o colapso do mundo cultural, a futilidade e a alienação da vida moderna no após esses episódios.

"concepções patriarcais sobre natureza e mulheres justificaram um estupro duplo e a dominação da terra [sic] e das mulheres que nela vivem"[18].

Atwood aprofunda tais questões ao incorporar a perspectiva capitalista a seu enredo. Para essa discussão, recorremos a personagem Ren que, desde sua infância, devido a problemas familiares, habitava junto aos Jardineiros de Deus, "integrantes de um culto fictício que reverenciava a Natureza e a escritura" (Atwood, 2024, p. 216) e que se esforçavam para minimizar os males provocados pela população, contra o nosso planeta.

Após Ren concluir o ensino básico, passa a frequentar uma instituição destinada a "alunos sem potencial matemático ou científico" (Atwood, 2011, p. 257), onde ela passa a dedicar-se à dança. Isso a leva a trabalhar em uma boate como dançarina, tendo que submeter-se a "transar com o pessoal da CorpSeCorps", os quais não eram seus clientes preferidos (Atwood, 2011, p. 336).

Esse quadro narrativo, arquitetado por Atwood, alude à objetificação e à exploração do corpo feminino, uma característica do patriarcado capitalista – sistema que garante que mulheres não sejam completamente donas de seus próprios corpos, tal como ocorre com Ren. E, sendo um sistema enraizado e fortalecido pelos alicerces capitalistas, o patriarcado capitalista sustenta a naturalização dos abusos e da mercantilização experienciados pelas mulheres (Fraser, 2009; Mies, 2014; Perrot, 2017; Federici, 2019).

Nesse "jogo" desigual e normatizado, portanto, tem-se a força empunhada contra o corpo e os direitos das mulheres. Como abordado por Atwood (2024, p. 435), é "na terra do assédio normalizado, do retrocesso nos direitos das mulheres em tantos fronts" que aqueles homens, "tendo fracas-

19 Conf. "patriarchal conceptions of nature and women have justified a two-pronged rape and domination of the earth [sic] and the women who live on it" (Murphy, 1988, p. 87).

sado na competição de habilidade e superioridade intelectual, usaram seus pênis como armas".

Na narrativa em questão, é possível verificar o "assédio normalizado" representado, por exemplo, nas palavras de Ren, quando ela se refere ao seu trabalho de dançarina na boate: "nós éramos conhecidas como as garotas sujas mais limpas da cidade. Eles realmente cuidavam de você. Quer dizer, caso você tivesse talento. Comida boa: médico quando era preciso e ótimas gorjetas, isso porque os homens mais influentes das Corps vinham aqui" (Atwood, 2011, p. 18).

Além do mais, como podemos notar, para a personagem, assim como para muitas mulheres da vida real, o cuidado de seu corpo expresso em "Eles realmente cuidavam de você", na verdade é um benefício a favor de seu explorador/abusador. As dançarinas recebiam cuidado porque dentre seus "clientes" estavam os homens da Corps.

Apesar de tomarmos conhecimento desse relato a partir de uma voz feminina, a de Ren, é importante salientarmos que o assédio e o abuso sexual, em *O ano do dilúvio*, são temas interditados, principalmente na comunidade dos Jardineiros de Deus, pois mulheres e crianças são orientadas a silenciarem-se sobre esses assuntos. Tendo em vista que essa comunidade é a própria representação da religião, logo, vem-nos à lembrança a reflexão de Michelle Perrot (2005, p. 9): "No início era o Verbo, mas o Verbo era Deus, e Homem. O silêncio é o comum das mulheres. Ele convém à sua posição secundária e subordinada", e "O silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento".

No entanto, nesse "silêncio profundo, é claro que as mulheres não estão sozinhas. Ele envolve o continente perdido das vidas submersas no

esquecimento no qual se anula a massa da humanidade. Mas é sobre elas que o silêncio pesa mais. E isso por várias razões" (Perrot, 2007, p. 16). Consequentemente, é por meio de vozes coletivas que, ao longo da história, o silenciamento suscitado por Perrot tem tentado encontrar rotas de fuga para assumir um lugar distinto, que não o da obscuridade. O principal caminho nessa direção como é sinalizado, por exemplo, pela autora (Perrot, 1989), é o movimento feminista.

Fundamentando-se no paradigma feminista, a historiadora empenhou-se em revelar a atuação das mulheres "no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação" (Perrot, 2007, p. 15). Direção essa seguida também por muitas representantes dos movimentos feministas, líderes comunitárias, pensadoras e escritoras, como Atwood, cujos projetos literários espelham seu posicionamento, seu comportamento consciente da necessária busca pela igualdade de gênero, bem como pela integração entre seres humanos e o ambiente natural.

Com *O ano do dilúvio*, uma criação distópica que congrega temas sensíveis aos tempos "incendiários" deste século, certamente, Atwood deixa sua contribuição não somente para o ambiente literário, mas para a própria vida na Terra. Sua obra, revestida por uma estética literária refinada, considerada por muitos como um prenúncio de um tempo futuro real, coloca-nos em alerta. Com efeito, isso não diz respeito à previsão, antes, como defendemos, tem a ver com sua consciência ecológica. Afinal, como a autora acentua "ninguém pode prever o futuro. Existem variáveis demais. [...] Você pode, porém, mergulhar no presente, que contém as sementes do que pode vir a ser o futuro. Como disse William Gilson, o futuro já está conosco, só está distribuído de forma desigual" (Atwood, 2024, p. 29).

Considerações finais

O desafio diante de um mundo ecologicamente ameaçado, como observa Shiva (1994, p. 4), "obriga-nos a reconhecer conexões e continuidade dentro de uma natureza orgânica, evolutiva e dinâmica"[19]. Logo, para essa filósofa e ambientalista, "uma resposta feminista que seja ecológica deve necessariamente reativar uma consciência e um diálogo com a natureza"[20], mas "extraindo-a da sua definição patriarcal como algo passivo e inerte – uma definição que também foi alargada às mulheres" [21](Shiva, 1994, p. 4).

É justamente o que percebemos em relação à autora de *O ano do dilúvio*, sendo isso o que procuramos demonstrar ao longo de nosso debate. Empenhamo-nos em mostrar que Atwood, escritora consciente da crise global iminente, apresenta-nos um possível resultado daquilo que se pode enfrentar diante de uma sociedade patriarcal.

Portanto, vimos que a partir de seu enredo, a autora aborda um aspecto sine quo non para o ecofeminismo. Isso porque, ela evidencia que sob o patriarcalismo a violência/o estupro são sentidos pelos corpos femininos – de Ren e Toby –, assim como pelo próprio ambiente natural – por meio do dilúvio. Então, para sustentar esse sistema, como a autora espelhou em sua obra, erguem-se muitas "CorpSeCorps" – empresas lideradas por homens que detêm não somente o capital, mas o próprio futuro do planeta Terra em suas mãos.

O que fazer mediante tal contexto? A(s) resposta(s) não é(são) simples, mas podemos encontrar algumas pistas nas páginas de *O ano do dilúvio*: por

20 Conf. "A feminist response that is ecological must necessarily reactivate a conscious awareness of, and dialogue with, nature" (Shiva, 1994, p. 4).
21 Conf. "lifting it out of its patriarchal definition as something passive and inert—a definition that has also been extended to women" (Shiva, 1994, p. 4).

certo, – assim como os Jardineiros de Deus o fizeram –, a reverência à natureza seria um bom início; e o que não fazer também pode ser absorvido de suas páginas, especificamente onde encontramos as representações de imposição da força e do poder dos membros da CorpSeCorps.

Por fim, queremos salientar que o trabalho interseccional de Atwood, em *O ano do dilúvio*, conjugando feminismos, ecofeminismo e literatura, expõe uma de suas premissas, qual seja: "a imaginação não é mais apenas um passatempo ou mesmo um dever, mas uma necessidade; porque cada vez mais, se podemos imaginar algo, seremos capazes de fazê-lo" (Atwood, 2024, p. 36). Em outras palavras, se é possível realizarmos algo por meio da literatura, é possível trazermos isso à realidade. Se é factível inquietarmo-nos com a palavra escrita, é também possível agirmos na vida real.

Referências

ATWOOD, Margaret. “A escrita e o meio ambiente”. In: ATWOOD, Margaret. *Questões incendiárias*: ensaios e outros escritos de 2004 a 2021. (Trad.) Maira Parula. Rio de Janeiro: Rocco, 2024. p. 187-200.

ATWOOD, Margaret. *Burning Question*s: Essays and Occasional Pieces, 2004 to 2021. Toronto: McClelland & Stewart, 2022.

ATWOOD, Margaret. *MaddAddam*. Nova York: Anchor Books, 2013.

ATWOOD, Margaret. *MaddAddão*. (Trad.) Márcia Frazão. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

ATWOOD, Margaret. *O ano do dilúvio*. (Trad.) Márcia Frazão. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

ATWOOD, Margaret. *Oryx and Crake*. Nova York: Anchor Books, 2003.

ATWOOD, Margaret. *Oryx e Crake*. (Trad.) Lea Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

ATWOOD, Margaret. *Questões incendiárias:* ensaios e outros escritos de 2004 a 2021. (Trad.) Maira Parula. Rio de Janeiro: Rocco, 2024.

ATWOOD, Margaret. *The Handmaid’s Tale.* Nova York: Anchor Books, 1998.

ATWOOD, Margaret. *The Year of the Flood*. Canadá: Vintage Canada, 2010.

DALY, Mary. *Gyn/Ecology, the Metaethics of Radical Feminism*. Boston: Beacon Press, 1978.

DERZELLE, Iris. "L'écoféminisme de Françoise d'Eaubonne. Une pensée de gauche escamotée ?", *La Vie des idées*, 2020. Disponível em: https://lavie-desidees.fr/L-ecofeminisme-de-Francoise-d-Eaubonne. Acesso em: 28 fev. 2024.

D'EAUBONNE, Françoise. *Feminism or Death*. (Trad.) Ruth A. Hottell. Londres e Nova York: Verso, 2022.

D'EAUBONNE, Françoise. *Le féminisme ou la mort*, Paris: Pierre Horay, 1974.

ELLIOT. T. S. *The Waste Land*. Nova York: Liveright Publishing Corporation, 2013.

FEDERICI, Silvia. *Mulheres e caça às bruxas*: da Idade Média aos dias atuais. (Trad.) Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf. Acesso em: 22. mar. 2024

GAARD, Greta. *Ecofeminism*: women, animals, nature. Filadelfia: Temple University Press, 1993.

GAARD, Greta; ESTOK, Simon; OPPERMANN, Serpil. (Org.). *International Perspectives in Feminist Ecocriticism*. Nova York: Routledge, 2013.

GEBARA, Ivone. "Ivone Gebara: Precisamos rever a luta pelo Estado Laico e o papel das religiões". [Entrevista cedida a] Débora Britto. *Brasil de Fato*, 2019. Disponível em: https://www.brasildefatope.com.br/2019/07/18/ivone-gebara-precisamos-rever-a-luta-pelo-estado-laico-e-o-papel-das-religioes. Acesso em: 22 mar. 2024.

GEBARA, Ivone. *Teologia ecofeminista*: ensaio para repensar o conhecimento e a religião. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GUTERRES, António. "Os ODS exigem uma estratégia de 'resgate global', afirma secretário-geral da ONU". *In*: BASTOS, Fernanda. *Exame*. 2023. Disponível em: https://exame.com/esg/os-ods-exigem-uma-estrategia-de-resgate-global-afirma-secretario-geral-da-onu/. Acesso em: 6 mar. 2024.

HAMMELL, Kate. "Gyn-Ecology." *Library Journal*, vol. 103, ed. 22. Library Journals, LLC, 1978, p. 2503–2503.

HOWELLS, Coral Ann. *The Cambridge Companion to Margaret Atwood*. Cambridge: Cambridge UP, 2006.

KUHNEN, Tânia Aparecida; ROSENDO, Daniela. Ecofeminismos. *Blogs*

de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, v. 7, n. 2, 2021, p. 16-40. Disponível em: https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ecofeminismos/. Acesso em: 12 fev. 2024.

MIES, Maria. *Patriarchy and Accumulation on a World Scale*: Women in the International Division of Labour. Londres: Zed Books, 2014.

MIES, Maria; SHIVA, Vandana. *Ecofeminism*. Londres: Zed Books, 2014.

MURPHY, Patrick. *Introduction to Literature and Ecofeminism*: Intersectional and International Voices. London: Routledge, 2018.

NAVDANYA. Navdanya, 2024. Disponível em: https://www.navdanya.org/. Acesso em: 10 fev. 2024.

ORWELL. George. *1984*. (Trad.) Heloisa Jahn e Alexandre Hubner. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

PERROT, Michelle. "Práticas da Memória Feminina". In: *Revista Brasileira de História*, V. 9, no 18, p. 9-18. São Paulo, Ago-Set 1989.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Viviane Ribeiro. São Paulo: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. Trad. Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história:* operários, mulheres e prisioneiros. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

SHIVA, Vandana. *Biopiracy*: The Plunder of Nature and Knowledge. California: North Atlantic Books, 2016.

SHIVA, Vandana. (Org.). *Close to Home*: Women Reconnect Ecology, Health and Development. Londres: Routledge, 1994. Disponível em: https://doi-org.proxy.bib.uottawa.ca/10.4324/9781315070452. Acesso em: 25 de fev. 2024.

SHIVA, Vandana. *Earth Democracy*: Justice, Sustainability, and Peace. California: North Atlantic Books, 2015.

SHIVA, Vandana. *Staying Alive*: Women, Ecology, and Development. California: North Atlantic Books, 2016.

SHIVA, Vandana. *Tomorrow's Biodiversity*. Londres: Thames & Hudson, 2000.

TOLAN, Fiona. *Margaret Atwood feminism and fiction*. New York: Rodopi, 2007.

TUTTLE Hansen, Elaine. "Fiction and (Post) Feminism in Atwood 's Bodily Harm". *Novel: A Forum on Fiction*, 1985. 19(1), 5–21. Disponível

em: https://www.jstor.org/stable/1345713. Acesso em: 07 Jul. 2026.

UNITED NATIONS HUMAN RIGHTS. “Climate change exacerbates violence against women and girls”. Genebra: *UN Human Rights*, 2023. Disponível em: https://www.ohchr.org/en/stories/2022/07/climate-change-exacerbates-violence-against-women-and-girls. Acesso em: 11 mar. 2024.

WILLIAMS, Raymond. *A produção social da escrita*. (Trad.) André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

WISKER, Gina. *Margaret Atwood*: An Introduction to Critical Views of Her Fiction. Houndmills, Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2012.

Recebido em: 23/04/2024

Aprovado em: 23/06/2026

Publicado em: 12/11/2026

https://doi.org/10.5007/2176-8552.2026.e99798

Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.